

A segunda bailarina

As primeiras referências do belo

Considero-me observadora, daquelas que acreditam não ser acaso o fato de termos dois olhos, duas orelhas e apenas uma boca.

Observo paisagens, construções, obras de arte, animais, plantas e gente.

Gente mulher, gente homem, gente pequena, só gente.

Observo como os cabelos — ou a falta deles — contornam as faces; se os olhos são bolitas ou frinchas; o ritmo do passo; a musicalidade dos movimentos.

Sem dúvida, gente é o meu objeto observacional favorito.

Talvez uma das primeiras.

Não.

Corrigindo: a primeira pessoa que meus olhos aprenderam a observar foi minha mãe.

Sempre a considereei uma bela mulher.

Lembro de, quando pequena, ver algumas fotografias.

Ela, ao lado da irmã, num carnaval.

Short, blusa regata, chinelo, cabelo castanho preso num rabo de cavalo.

Não recordo de maquiagem.

Era uma beleza que parecia não precisar se esforçar para aparecer.

Estava despretensiosamente presente.

Você não cabe

Aquela bela mulher, foco da minha primeira incursão observacional, conservava-se magra ao longo do tempo.

Eu, porém, não.

Sentia inveja quando ia a aniversários e encontrava amiguinhas em seus belos vestidos rodados e acinturados.

Eu não tinha nenhum.

Pois bem.

Aos dez anos, como rito católico, fui preparar-me para a Primeira Comunhão.
Imposição materna.

Meus pais iam à missa apenas em ocasiões especiais: batizados, comunhões, casamentos, missas de sétimo dia.

Não achava bom ir às aulas preparatórias, mas, como dizia a matrona, "não tem querer".

No Sul, é característico o uso de vestidos brancos, comprados ou alugados, para o dia do rito.

Fui levada ao centro de Porto Alegre.

Minha mãe havia encontrado uma loja que alugava vestidos por um preço que meus pais podiam pagar.

O vestido já estava reservado.

Só precisava experimentá-lo e confirmar a locação.

Havia paredes tomadas por araras repletas dos mais variados modelos.

Aquele que minha mãe havia reservado era, para mim, o mais bonito entre todos.

Entrei no provador.

Tirei a roupa.

Tentei vestir o vestido.

Ou melhor, tentei entrar nele.

Minha mãe, já ofegante na empreitada de fechar o zíper das costas.

Eu, encolhendo a barriga, na esperança de que o cenário mudasse.

E a voz da atendente, atravessando a cortina:

— Você não cabe.

Você não tem as medidas

Três anos após o episódio fatídico do vestido, eu estava comprida, fininha.

O salto dos treze anos.

Aspirava ser modelo.

Lia nas revistas entrevistas com jovens modelos que, aos quatorze, quinze anos, viajavam o mundo desfilando.

Era isso que eu queria para mim.

Vislumbrava a liberdade.

O contexto em casa não era bom.

O casamento dos meus pais estava em crise.

Discussões.

Xingamentos.

Quantas vezes fui acordada por discussões.

Preferia sair para a escola sem café da manhã.

Passava a mão numa maçã, atravessava o conflito bélico na cozinha e ficava dentro do carro, mãos tapando as orelhas, até não ouvir mais nada.

A carreira de modelo seria meu passaporte, minha alforria daquela realidade que tanto maltratava.

Fiz um book fotográfico.

Minha mãe e eu o levamos até uma agência.

Fomos atendidas por uma funcionária, ex-modelo, divina.

Olhos verdes que nunca esqueci.

Tirou minhas medidas, analisou as fotos e atirou, à queima-roupa:

— Você não tem as medidas necessárias para ser modelo de passarela.

Talvez modelo fotográfica.

Fiquei desolada.

Mais uma vez, não me encaixava.

Aquilo que eu podia controlar

Depois da negativa, fiz aulas de teatro.

Amava.

O grupo era diverso, pessoas de todas as idades.

As aulas aconteciam nas manhãs de sábado, em um teatro no centro de Porto Alegre.

Aguardava ansiosamente por elas.

O professor, ator, ministrava as aulas descalço.

Achava aquilo tão espontâneo.

Não podia andar descalça nem em casa.

Havia friagem.

A mãe não deixava.

E ele, no trabalho, descalço.

Nossa.

Parecia tão livre.

Desconstruído.

Disruptivo.

Fascinante.

Ainda que bastante introvertida, no personagem falava alto, abraçava os parceiros de cena.

Era outra.

Ainda que a mesma.

As aulas de teatro precisaram ser interrompidas.

Não havia quem me levasse.

Os desentendimentos entre meus pais aumentavam.

Eu não tinha controle de nada daquilo.

Tinha apenas treze anos.

Desejava ter sido um pouco mais poupada.

Mas eles não conseguiram.

Foi então que me dei conta de algo que talvez pudesse controlar.

Meu peso.

A cotonete

Sempre gostei do corte de cabelo Chanel.

Por volta dos treze anos, pedi à minha mãe que o cortasse para mim.

O cabelo era cheio, volumoso.

O corpo havia se tornado muito magro.

Os comportamentos alimentares tornaram-se restritivos e, por vezes, purgativos.

O que começou como um flerte, transformou-se, pouco a pouco, em um relacionamento sério com a anorexia.

Nada foi diagnosticado à época.

Foi a mulher adulta, já atravessada pelo conhecimento técnico, quem deu nome àquilo que a menina ainda não sabia explicar.

As ameaças também chegaram.

— Se você não comer, vou mandar interná-la.

Eu não me achava tão esquelética.

Via-me, sempre, volumosa.

Esconder-me sob roupas largas tornou-se uma estratégia para despistar olhares atentos.

Mas nada passa despercebido pelos adolescentes.

Na escola, alguns garotos passaram a me chamar de cotonete.

Os pés e os cabelos representavam as extremidades da haste.

Ainda assim, havia algo que permanecia sob meu domínio.

Aquilo eu podia controlar.

Despretensiosamente bela

O Chronos não perdoa.

O tempo passou.

Muito tempo passou.

Cresci, mudei para o Nordeste e, em uma viagem ao Rio Grande do Sul, visitei antigos amigos.

Ao chamar no portão, um idoso caminhou vagarosamente em minha direção. Chamei-o, como fazia na infância:

— Tio...

Acho que me reconheceu pela voz.

Dizem que tanto a voz quanto a aparência lembram muito minha mãe.

Levantou as sobrancelhas e exclamou:

— Débora!

Colocamos a conversa em dia, matamos a saudade.

Ao me despedir, disse:

— Minha filha, você foi uma criança tão feia...

Cresceu e ficou bonita.

Dizem que é assim que acontece.

Sorri.

Dias depois, na casa do meu pai, contei-lhe o episódio.

— O fulano está caduco.

Você nunca foi feia.

Só nasceu com um olho mais caído.

Sorri novamente.

Meu pai tem um jeito, digamos, peculiar de fazer elogios.

É preciso quase uma lupa para encontrá-los.

Quanto ao olho caído, ele tem razão.

Nas fotografias, quando sorrio, ele parece cair ainda mais.

Hoje, já não tenho a pretensão das medidas da modelo.

Tampouco a expectativa de posicionar o olho no ângulo perfeito.

Continuo apreciando o belo, mas já não aquele que me aprisiona.

Não seria honesta se dissesse que estou imune aos seus apelos.

Às vezes eles ainda me alcançam.

Mas aprendi que voltar para a experiência — para o corpo que habito e apresento ao mundo — costuma ser uma bússola mais confiável do que qualquer fita métrica.

Corpo casa

Quando menina, por um curto período, fiz balé.

Não cheguei a ser a primeira bailarina, como gostaria.

Não possuía as medidas consideradas corretas.

Esse lugar pertencia a uma magrela comprida.

Tinha raiva dela.

Meu lugar era periférico.

Lateral.

Fundão.

Mas alguém da plateia me fitava.

Seus olhos me diziam que, ainda que eu não fosse a primeira — nem a segunda bailarina — conseguia, sem esforço, habitar o lugar que era meu.

Hoje, olho para aquela adolescente com distúrbio alimentar com compaixão.

Ela, em seu equívoco juvenil, tentou controlar o incontrolável: as relações dos outros, a visão de mundo dos outros, a ideia de beleza dos outros.

Flagelou a própria matéria.

A própria morada.

Ela não sabia.

Sua versão atual sabe.

Às vezes ainda se distrai com o apelo midiático.

Não considero um grande pecado.

Apenas um pequeno.

Sigo por aqui, observando objetos, paisagens, passagens, o outro e, principalmente, a mim mesma.

Conformada em não caber nos 90-60-90, nem nos 10% de gordura corporal.

Despretensiosamente, sigo percorrendo um caminho de liberdade.

As histórias vividas — e bem vividas — permanecem inscritas no meu corpo-casa.

Uma fina linha de expressão diz:

Sorriu bastante.

A flacidez abdominal responde:

Trouxe duas pessoas ao mundo.

As pequenas varizes azuladas nas pernas completam:

Teve a felicidade de caminhar pela existência.

Talvez a beleza nunca tenha morado nas medidas.

Talvez sempre tenha morado na vida que um corpo é capaz de sustentar.